

Deus fala connosco. É importante compreender a diferença entre a palavra e a tagarelice: esta última limita-se à superfície, não realiza uma comunhão entre as pessoas, enquanto nas relações autênticas, a palavra não serve apenas para trocar informações e notícias, mas para revelar quem somos.

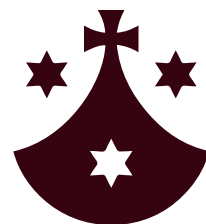
Papa Leão XIV, Audiência geral, quarta-feira, 14 de janeiro de 2026



Boletim de Espiritualidade

1 FEVEREIRO 2026
Ano XIII Nº 140

140



Agenda fevereiro 2026

- 1 **Faro** (Carmelitas) – Diálogo Sinodal entre Jovens e Consagrados da Diocese
- 2 **Lisboa** (C. Rato) –Curso: *Da Alegria* – A noite e o riso – Paula Morão
- 3 **Online** – De véspera com o *Beato Eugénio Maria do Menino Jesus* – P. Renato Pereira (21h30)
- 3 **Lisboa** (UCP/online) –EMRC e o ecossistema digital: práticas e recursos (3ª Edição)
- 3 **Coimbra** (Convento de São Francisco) – Reflexão sobre o documento de Abu Dhabi
- 4 **Viana do Castelo** (Carmo) – *Noite Escura* – P. Nuno Pereira
- 4 **Online** (Paróquia S. Paulo – Setúbal) – *Encontros sobre a Oração* – Orienta: Carmelitas Descalços
- 6 **Fátima** (Santuário) – Lectio Divina
- 7 **Avessadas** – Tardes com Maria
- 9 **Fátima** (Domus Carmeli e Carmelo de S. José) – XVIII Encontro de Sacerdotes
- 9 **Lisboa** (C. Rato) – Curso: *Da Alegria* – A gaia ciência – Viriato Marques
- 9 **Viana do Castelo** (Carmo) – *As Parábolas do Reino* – Fr. Carlos Eduardo
- 9 a 13 **Fátima** (Domus Carmeli e Carmelo de S. José) – Retiro de Sacerdotes
- 10 **Porto** (CCC) – Conferência: *A Igreja no mundo contemporâneo: diálogo e missão* – Secretariado Diocesano das Missões do Porto
- 11 a 18 **Colares** (Casa exercícios SJ) – Exercícios Espirituais
- 12 a 15 **Colares** (Casa exercícios SJ) – Exercícios Espirituais
- 13 **Fátima** (Santuário) – Lectio Divina
- 13 a 17 **Colares** (Casa exercícios SJ) – Exercícios Espirituais
- 14 **Viana do Castelo** (Carmo) – Retiro: *Quaresma, caminho da libertação* – P. Agostinho Castro
- 14 e 15 **Viana do Castelo** (Darque) – Encontro: *Liturgia no diálogo de Deus com o mundo*
- 14 a 17 **Fátima** (C. P. Paulo VI) – *A Vida Consagrada à luz do programa de Jesus de Nazaré*
- 15 **Fátima** (Domus Carmeli) – Nos Passos da Ir. Lúcia
- 21 **Braga** (Carmo) – Jornadas com Deus na Quaresma
- 20 **Fátima** (Santuário) – Lectio Divina
- 20 **Lisboa** (Externato da Luz) – Conferência: *A pobreza e os pobres*
- 22 **Avessadas** – Domingo das bênçãos
- 23 **Lisboa** (C. Rato) –Curso: *Da Alegria* – Alegria breve – Rui Rego
- 25 **Online** (Paróquia S. Paulo – Setúbal) – *Encontros sobre a Oração* – Orienta: Carmelitas Descalços
- 27 **Coimbra** (SDPC) – Passaporte Cultural e Espiritual: *O Rei Vai Nu*
- 27 **Fátima** (Santuário) – Lectio Divina

- 27 a 1 mar **Fátima** (Domus Carmeli) – 3.º Módulo do Curso de Mariologia
- 28 **Funchal** (Carmo) – Encontro orante com S. João da Cruz: a contemplação
- 28 **Lisboa** (ISTA) – Conferência: *Os cristãos na sociedade secularizada* – Paulo Fontes

Agenda março 2026

- 3 **Porto** (CCC) – Conferência: *Cultura, ciência e educação integral* – Secretariado Diocesano da Pastoral Universitária do Porto
- 4 **Fátima** (Santuário) – Lectio Divina
- 6 a 8 **Ávila** – Encontro dos Grupos de Oração Teresiana.
- 6 a 8 **Avessadas** – Retiro de Quaresma (Carmelo Secular)
- 7 **Avessadas** – Tardes com Maria
- 7 **Faro** (Carmelitas) – Encontros no Silêncio
- 7 **Lisboa** (ISTA) – Conferência: *Os cristãos e a política* – José Manuel Pureza
- 9 **Viana do Castelo** (Carmo) – *Discurso Eclesiológico* – P. Marco Caldas
- 10 **Angra** (Escola bíblica) – Formação: *Leitura do Livro Atos dos Apóstolos*
- 13 **Fátima** (Santuário) – Lectio Divina
- 14 **Funchal** (Carmo) – Retiro de Quaresma
- 14 **Lisboa** (ISTA) – Conferência: *Os cristãos no mundo empresarial* – Rafael Franco
- 18 **Online** – De véspera com S. José – P. André Morais
- 18 **Viana do Castelo** (Carmo) – *Subida do Monte Carmelo* – Fr. Carlos Eduardo
- 19 **Faro** (Carmelitas) – Conferência: *São José, Esposo da Virgem Maria* – P. António Freitas
- 20 **Coimbra** (SDPC) – Passaporte Cultural e Espiritual: *A Vida Oculta de Jesus*
- 20 **Fátima** (Santuário) – Lectio Divina
- 20 a 22 **Fátima** (Domus Carmeli) – Retiro de Quaresma
- 20 **Lisboa** (Externato da Luz) – *Ecologia franciscana*
- 21 **Braga** (Carmo) – Encontro Junto à Fonte
- 21 **Lisboa** (ISTA) – Conferência: *Os cristãos e comunicação social* – Pedro Gil
- 22 **Avessadas** – Domingo das bênçãos
- 24 **Faro** (Carmelitas) – Conferência: *A Realeza de Maria Santíssima e o Triunfo do Coração Imaculado* – P. Carlos Cabecinhas
- 27 **Fátima** (Santuário) – Lectio Divina
- 27 a 29 **Fátima** (Domus Carmeli) – XXXIII Rumos
- 28 **Funchal** (Carmo) – Encontro orante com S. João da Cruz: as dificuldades na oração
- 28 **Lisboa** (ISTA) – Conferência: *Respostas sociais*



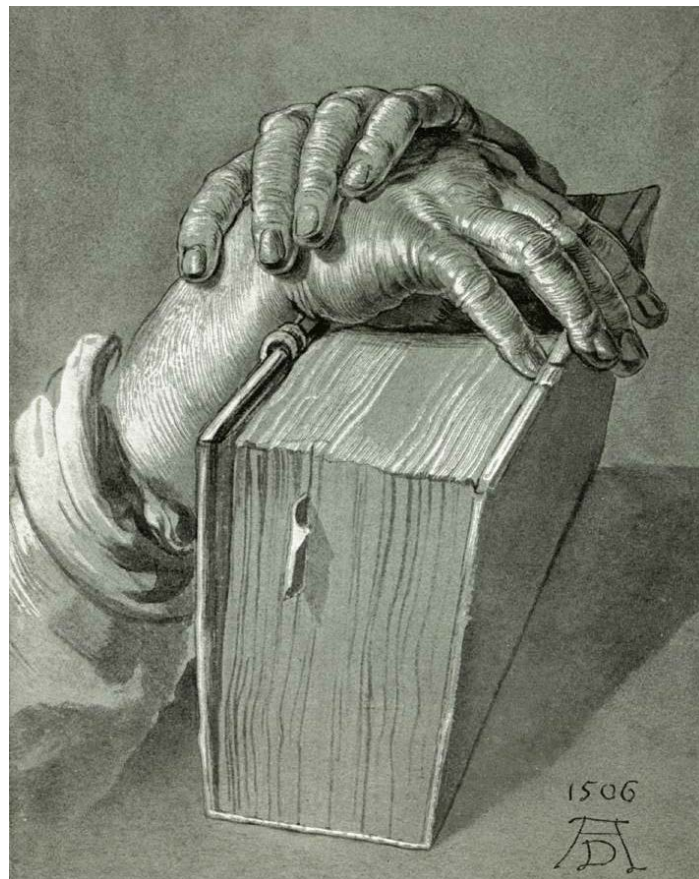
A Palavra do Oriente no Ocidente

Armindo Vaz, OCD

A recordação dos factos fundadores da cultura e da religião do Israel bíblico e do cristianismo primitivo não se diluiu nas areias do deserto do Sinai; desaguou na Palavra escrita, que transportava a fé e a fazia progredir, na carreira contributiva e meritória de todos os intervenientes: o melhor da religiosidade dos sumérios, acádicos, babilónios, assírios, hititas, hurritas e cananeus, sobreviveu filtrado pela fé da palavra bíblica, que se foi purificando até à era cristã. O que estes povos semearam, pelo menos desde o fim do 4º milénio a.C., floresceu três mil anos mais tarde na Palestina e frutificou sucessivamente, por meio de rigorosos crivos de selecção, na Galileia e na Judeia.

Por ironia do destino – ou talvez não – a influenciada religião bíblica viria ela própria, sob a forma de judaísmo e de cristianismo, a influenciar culturas e a gerar religiões ou movimentos religiosos. Essa influência estendeu-se, através dos Padres gregos e latinos, particularmente para Ocidente. Como astronômicamente, no aparente andamento do sol, a luz avança do Oriente para o Ocidente, também historicamente uma movimentação da cultura e da religiosidade foi de Oriente para Ocidente, fixando o aforisma *Ex oriente lux*. Ele sintetiza a ideia de que a luz, literal e metaforicamente, *tem origem no Oriente*, com implicações profundas a nível cultural, filosófico e religioso. A afirmação de que o Nascente é fonte de sabedoria e espiritualidade encontra uma concretização na primeira grande tradução de toda uma obra literária de uma língua oriental para a língua grega, que foi precisamente a Bíblia em fim de composição, a chamada tradução grega dos *Setenta*, feita nos séculos III-I a.C. Essa versão supunha a abertura da revelação bíblica, oriental, a uma cultura ocidental, fenómeno cultural sem precedentes na antiguidade, determinante para a história da civilização ocidental. Feita por judeus da diáspora de Alexandria, constituía uma notável migração da sabedoria do Oriente para o Ocidente. Era o encontro da Bíblia hebraica com a civilização grega e a influência de uma sobre a outra. Alexandria tinha contribuído para fundir duas prestigiadas civilizações: a egípcia e a grega. Agora unia Jerusalém com Atenas, o hebraico com o grego, num triângulo aberto ao Ocidente. Por meio da tradução grega da Bíblia, o judaísmo pôde oferecer as suas Escrituras canónicas, com a sua cultura, ao mundo ocidental. O Novo Testamento escrito em grego reforçou essa influência.

Se o objectivo essencial da palavra bíblica não era dar cultura, certamente contribuiu para fazer cultura, literatura e arte no Ocidente ao longo dos séculos, porque tinha ela própria qualidades literárias. Não obstante, se mexeu com o mundo e com a sua história, não foi só por ser um monumento literário e cultural. «Exerceu uma contínua, fecunda influência na literatura inglesa, dos escritores anglo-saxões aos poetas mais jovens; no entanto, nenhum deles diria que a palavra da Bíblia “é” literatura» – afirma N. Frye (*The Great Code*, p. 9 da versão italiana, Torino 1986). A razão principal da sua atracção e para a sua sempiterna actualidade está no facto de ela mexer na vida concreta das pessoas. Tem a ver com elas. É escola de humanidade. Essa velha história narrada com as palavras bíblicas não deixa ninguém indife-



Hand Study with Bible (1506)

Albrecht Dürer

Albertina, Vienna, Austria

Fonte: wikiart.org/en/albrecht-durer/hand-study-with-bible-1506

rente: como se cada um quisesse dar dela a sua interpretação e até apropriar-se dela. Se a palavra de Jesus ainda hoje continua a exercer influência nas decisões humanas, é porque ela fala do ser humano e da sua felicidade, dos seus problemas, das suas contradições e ambiguidades e das suas relações enredadas, apresentando um projecto de vida que satisfaz os seus mais profundos anseios. Bem faz o filósofo ao tentar compreender intelectualmente o mundo. Mas o decisivo é mudá-lo existencialmente e dar-lhe sentido. Ora, a palavra bíblica, além de ajudar a compreender o mundo e a sua organização, visa precisamente transformá-lo e torná-lo mais humano e um pouco divino.

A leitura da palavra bíblica, que a fé via e vê como Palavra de Deus, tem o potencial de valorizar a memória colectiva, de elevar a pessoa na sua dignidade, de promover a rectidão e a solidariedade. Os apelos veementes e as acutilantes invectivas dos profetas, denunciando o mal moral e anunciando o bem, cortam no vivo da sociedade de todos os tempos. Precisamente a grande ruptura que a palavra bíblica provocou no processo histórico da sociedade ocidental aconteceu ao interpelar cada pessoa na sua consciência. Mesmo quando, no séc. XVI, a Reforma protestante divergiu da Tradição da Igreja ficando só com a Bíblia, esta adquiriu uma nova centralidade, que muito concorreu para alicerçar uma nova ética, até ali claramente individualista.

A leitura do texto bíblico teve impacto na cultura e na vida porque ele se dirigia imediatamente ao ser humano de *hoje* como palavra viva e como pronunciada para si. Em tal leitura, feita em boa fé, não era só o leitor a interrogar a Bíblia mas também a Bíblia a interrogá-lo a ele. É nessa função pro-vocante, apelativa, que está o grande valor da palavra na Bíblia. Lida assiduamente, oferece respostas para os problemas de sempre, questiona e sugere, adverte e salva, mantendo o leitor na escuta e na interrogação (2Tim 3,15-17). A Palavra inspirada não se apresenta como um catálogo de proibições ou como um código moral de leis a cumprir. Nem é um texto iniciático para fundamentar e apoiar as convicções do leitor. E é mais do que o nosso livro de bordo. É uma instância crítica para o ser humano

se rever ao mais alto nível e se transcender: faz pensar, desafia, alerta e inspira a acção. É um *viático* para a *via*, para o caminho do homem em direcção a Deus.

A palavra bíblica tem vocação de actualidade e sobrevivência, porque se misturou com a vida e com a cultura das pessoas na história nobre das ideias. Aquele Jesus que sobreviveu ressuscitado entre os que acreditam nele como Salvador terá pressentido o destino de sobrevivência da palavra bíblica: “passarão o céu e a terra, mas as minhas palavras não passarão” (Mc 13,31). Continuam a influenciar a vida, a educação, o ensino, as mentalidades, a fé e a oração, gerando assim a cultura da amizade, do diálogo e da compreensão mútua, e afastando a intolerância e o ódio.

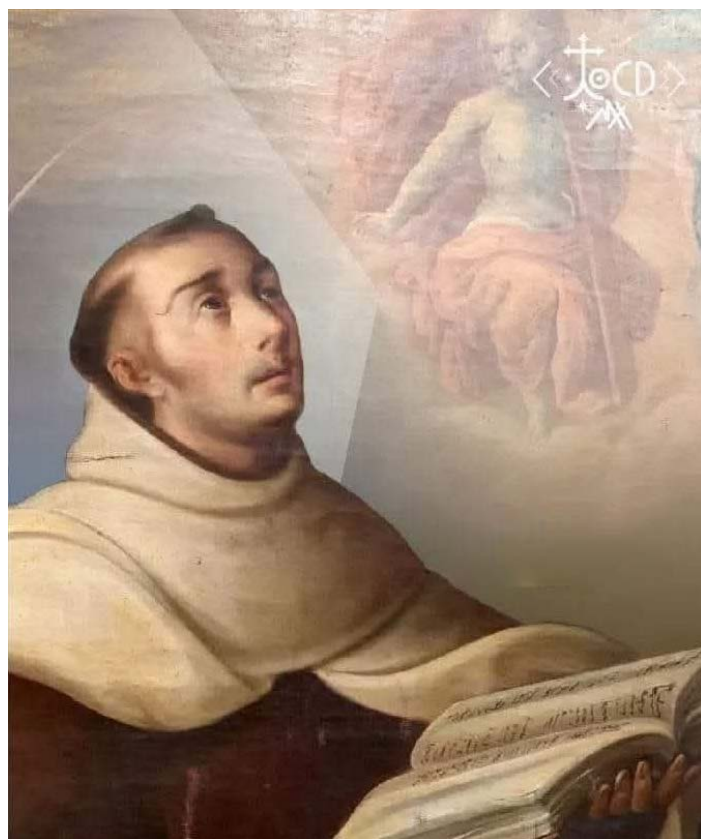
Ano jubilar de S. João da Cruz

Armindo Vaz, OCD

S. João da Cruz, estudioso da Bíblia

As maiores descobertas na história do progresso não são as invenções científicas, por muito bem que digam do engenho humano; nem as viagens mais impressionantes são as que oferecem deslumbrantes paisagens. A melhor visão é o conhecimento da alma humana. O poeta e místico João da Cruz foi exímio conhecedor do humano, especialmente enquanto ‘ser para a transcendência’. Ora, esse conhecimento, ele afinou-o meditando assiduamente a Bíblia. Ela emprestou-lhe o olhar transformado e transformador que encara o mundo na perspectiva mais certa.

Sendo jovem estudante, frequentou quatro anos a célebre universidade de Salamanca, que o embrenhou nos segredos da palavra bíblica. Ao reitor da universidade já no séc. XX, Miguel de Unamuno, atribui-se a sentença: «Quod natura non dat Salmantica non praestat: O que a natureza não dá [dons inatos, talento, memória, aplicação, aprendizagem] a universidade de Salamanca não o empresta». No caso de Frei João da Cruz, aplicado, reconhecido como o melhor dos estudantes devido à sua inteligência e santidade, a sagrada Escritura, uma das cátedras mais frequentadas pelos estudantes, oferecia-lhe abertura aos mistérios do divino, iluminação dos caminhos da vida humana, palavra de Deus para subir ao monte da santidade na sua relação com os irmãos, impregnação da vida com uma boa dose de mistério. Lá assistiu às aulas de Sagrada Escritura do célebre agostiniano Frei Luís de León no curso de 1567-1568. Também estava ao corrente do ensino bíblico prestado na florescente universidade de Alcalá, pois foi lá director dos estudantes carmelitas dois anos. Portanto, adquiriu boas bases, as melhores que se podiam ter na altura em vista do domínio dos temas da sagrada Escritura,



ligando com grande familiaridade passagens paralelas, que se explicavam mutuamente. Compreende-se assim que todo o seu edifício espiritual, a sua experiência de Deus e a direcção espiritual oferecida assentem na espiritualidade segura da palavra bíblica. A palavra de Cristo habitava-o com toda a sua riqueza. Também por isso a sua espiritualidade e mística resistiu ao teste do tempo e não envelheceu.

ENCONTROS NO
SILÊNCIO

Que queres de mim, Jesus?

Faro
7 março 2026

Um caminho de experiência

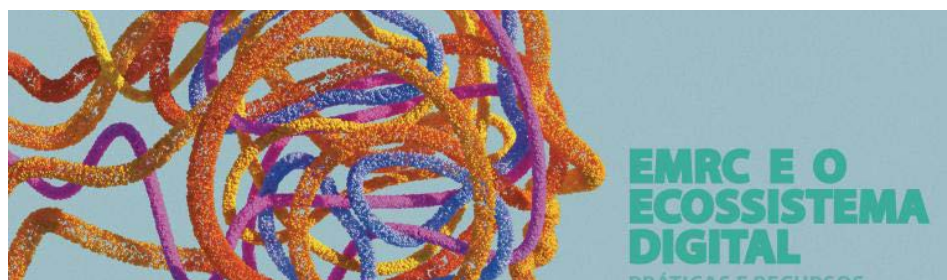
I Congresso sobre S. João da Cruz, 19 a 21 de junho de 2026



A Ordem dos Padres Carmelitas Descalços organizam, em Fátima (Domus Carmeli), o primeiro congresso sobre São João da Cruz, de 19 a 21 de junho de 2026, dedicado ao místico e doutor da Igreja do século XVI, no ano da celebração dos 300 anos da sua canonização e 100 anos da sua declaração como Doutor da Igreja. Sob o tema "Um caminho de experiência" o Congresso centra-se na busca e no encontro com Deus, o programa inclui várias conferências, momentos orantes e celebrações litúrgicas com a participação de oradores como D. Alexandre Palma e vários padres Carmelitas, abordando a experiência espiritual de São João da Cruz e a sua proposta de união de amor entre Criador e criatura. [🔗](#)

EMRC e o ecossistema digital: práticas e recursos

Início a 3 de fevereiro de 2026



A Universidade Católica Portuguesa (UCP), por intermédio do Instituto Religare, está a promover a 3ª edição da formação avançada "EMRC e o ecossistema digital: práticas e recursos", dirigida a professores dos 2.º e 3.º ciclos do Ensino Básico e do Ensino Secundário (Grupo 290). O curso, em regime *online*, realiza-se de 3 de fevereiro a 10 de março de 2026, com atividades síncronas e assíncronas que exploram questões do ecossistema digital, desenvolvimento de recursos digitais, aplicações pedagógicas, e avaliação em contextos digitais. [🔗](#)

Nos passos da Ir. Lúcia

Fátima, 12 e 15 de fevereiro



A família carmelita assinala o 21.º aniversário da morte da Venerável Irmã Lúcia de Jesus e do Coração Imaculado, ocorrida a 13 de fevereiro de 2005, no Carmelo de Santa Teresa, em Coimbra. Para recordar a vida e missão da vidente de Fátima, foram promovidos vários momentos de oração e celebração, tanto em Fátima como em Coimbra, incluindo a Eucaristia de ação de graças e encontros de reflexão sobre a espiritualidade e o legado da religiosa carmelita Irmã Lúcia, uma das três crianças a quem Nossa Senhora apareceu em Fátima no ano de 1917, dedicou grande parte da sua vida à oração e à difusão da Mensagem de Fátima. A Igreja reconheceu em 2023 as suas virtudes heroicas, declarando-a Venerável, encontrando-se a sua causa de beatificação em curso. [🔗](#)

A OUSADIA DA SANTIDADE

Manuel Reis, OCD



O que é a santidade? Qual é o seu verdadeiro significado, o caminho para a alcançar e o impacto que tem na vida da Igreja e da sociedade? Estas questões fundamentais encontram resposta na obra *Ousadia da Santidade*, do carmelita Manuel Reis. A partir da experiência espiritual de Santa Teresa de Jesus, o autor conduz o leitor a uma reflexão profunda e atual sobre o chamamento universal à santidade. O livro apresenta a santidade como escuta e obediência à Palavra de Deus, como adesão concreta à Sua vontade no seguimento de Cristo, vivida com radicalidade e liberdade através dos conselhos evangélicos. Percorrendo o itinerário teresiano, desde a vida carmelita da antiga observância no mosteiro da Encarnação, até à audácia da reforma iniciada em São José de Ávila, a obra mostra que a santidade não é evasão do mundo, mas força transformadora da Igreja e da sociedade.

Publicação: Edições Carmelo [🔗](#)

claustrO

Paladinos da paz. O artigo, de José Manuel Reis, reflete sobre o significado do Dia Mundial da Paz e questiona se a paz é utopia diante dos conflitos armados atuais. A partir do testemunho de Ximenes Belo e de poemas de diversos autores, destaca que a paz exige educação pessoal e coletiva, respeito, tolerância e solidariedade, começando na família, escola e instituições. [🔗](#)

Lúcia de Jesus e Teresinha do Menino Jesus têm tanto em comum. Isabel Carreira, estabelece um paralelo espiritual profundo entre Santa Teresinha do Menino Jesus e a Irmã Lúcia de Jesus, mostrando-as como "irmãs quase gêmeas" na vivência da confiança, do abandono e do amor misericordioso de Deus. A partir de episódios marcantes das suas vidas – vocação carmelita, relação filial com Maria, confiança na fragilidade e entrega total a Deus – evidencia que ambas testemunham o essencial do cristianismo: Deus ama-nos e pede que confiemos n'Ele. [🔗](#)



Escola de oração: Retiro de Quaresma

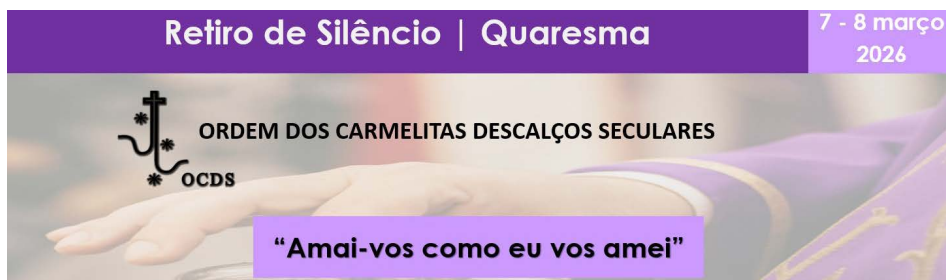
Fátima, 20 a 22 de março de 2026



De 20 a 22 de março de 2026 terá lugar, na Domus Carmeli, em Fátima, um retiro quaresmal destinado a todos os que desejem preparar-se de forma mais profunda e intensa para a celebração da Páscoa do Senhor. Tradicionalmente frequentado pelos alunos da Escola de Oração, com sede na Domus Carmeli, este retiro está, no entanto, aberto a todos os interessados. A orientação espiritual estará a cargo dos Carmelitas Descalços da comunidade de Fátima. Para mais informações, contacte pastoral@domuscarmeli.net – +351 249530650 (chamada para a rede fixa nacional) – 922298665 (apenas mensagens escritas de WhatsApp).

Retiro de Quaresma 2026

Avevadas, 6 a 8 de março



A Ordem dos Carmelitas Descalços Seculares em Portugal vai promover, no fim de semana de 6 a 8 de março, um retiro quaresmal no convento de Avevadas, em Marco de Canaveses, destinado a todos os que desejam preparar-se, através de silêncio e oração mais intensa, para a celebração da Paixão e Ressurreição do Senhor. Sob a orientação do Padre Armindo Vaz (OCD), em ambiente de recolhimento, alternar-se-ão breves meditações e propostas de reflexão, subordinadas ao tema «*Vede como eles se amam*».

Jornadas de Teologia 2026

UCP (Porto), 2 a 5 de fevereiro



A Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa (UCP), em colaboração com a Diocese do Porto e a Irmandade dos Clérigos, organiza entre 2 e 5 de fevereiro de 2026 as Jornadas de Teologia 2026 sob o tema «*Novos rumos da política. Configuração cristã da vida pública*». O encontro decorre no campus da UCP no Porto e propõe uma reflexão aprofundada sobre os desafios contemporâneos da política à luz da tradição cristã. O ciclo de conferências e debates é coordenado pelo Professor Doutor António Abel Canavaro e tem como objetivo oferecer uma oportunidade de interpelação teológica e enriquecimento intelectual para estudantes, docentes e demais interessados até ao último dia de programação.

41.º ENCONTRO NACIONAL DA VIDA CONSAGRADA



O Centro Pastoral Paulo VI, em Fátima, será palco, de 14 a 17 de fevereiro de 2026, do 41.º Encontro Nacional da Vida Consagrada, promovido pela Conferência dos Institutos Religiosos de Portugal (CIRP). Sob o tema «*A Vida Consagrada à luz do programa de Jesus de Nazaré (Lc 4,14-21)*», a iniciativa visa aprofundar a missão profética e o contributo das pessoas consagradas para a Igreja e a sociedade contemporânea.

O encontro parte da reflexão de que a vida consagrada, através da sua experiência secular em práticas de sinodalidade e discernimento comunitário, pode oferecer contribuições singulares para o crescimento da sinodalidade na Igreja, constituindo-se como um “laboratório de interculturalidade” e testemunho profético no mundo atual.

O programa inclui conferências, momentos de oração e painéis com especialistas e religiosos/as. Entre os oradores estarão D. António Couto, Bispo de Lamego, que abordará a passagem evangélica de Lucas 4,14-21 na sessão inaugural; António Campelo Amaral, da Universidade da Beira Interior; Mário Linhares, da Universidade de Lisboa; e padre Carlos Cabecinhas, reitor do Santuário de Fátima, que falará sobre a opção pelos Pequenos, pelos Pobres e pelos “Pecadores” na mensagem de Fátima. Também estão previstas intervenções sobre o ministério da consolação, o papel da misericórdia em comunidade, a ecologia integral e o cuidado dos mais vulneráveis, incluindo migrantes, sem-abrigo, vítimas da droga e do tráfico humano.

As atividades iniciam-se no dia 14 de fevereiro com a abertura do secretariado às 10h00, seguindo-se a sessão oficial de boas-vindas e a primeira conferência, e prolongam-se até ao encerramento, marcado para o dia 17 de fevereiro após uma reflexão sobre a doutrina social da Igreja e a mensagem de Fátima.

Este encontro integra-se no compromisso contínuo da CIRP de promover espaços de formação, reflexão e intercâmbio entre comunidades consagradas, reforçando o seu papel na Igreja e na sociedade enquanto sinal de esperança e serviço.

Três perguntas e... mais uma

Sobre o livro "O centro do claustro"

1. Quais são os principais temas espirituais abordados ao longo do livro?

Claustro é um projecto da nossa Comissão de Comunicação. Vai já na sua quarta edição. Se tivermos em conta o universo de pessoas que o projecto envolve, para o nosso contexto, isto significa um êxito a celebrar. De facto, todas as terças-feiras publicamos um texto, de maior ou menor pendor espiritual, mas sempre cruzando a nossa espiritualidade com a *arte* do autor em causa. Desde a primeira hora, ocorreu-nos dividir as publicações em quatro alas: Casa Comum, Cultura, Desafios e Espiritualidade – só por aqui já dá para perceber que uns textos são verdadeiros mergulhos na espiritualidade carmelitana, outros são bíblicos, doutros brota uma perspectiva cultural e doutros ainda crónicas para memória futura.

Faço notar que o livro só publica um texto por autor, o que significa que pelo menos metade das publicações só são acessíveis no sítio www.carmelitas.pt/claustro.

2. Como é que os diferentes autores relacionam a experiência humana com a fé e a interioridade?

Completando a resposta acima, direi ainda que o leitor encontrará, quer no livro, quer no site carmelitas.pt/claustro, temáticas tais como família, natureza, evangelho, economia, criação artística, guerra e paz, inteligência artificial.

O que a mim, pessoalmente mais me impressiona, é a disponibilidade de cada um dos autores para estudar a temática que lhe é afim e regalar-nos uma espécie de sumário sobre ela. Esse afinco enterneca-me enquanto católico, porque são irmãs e irmãos a estudar um assunto e a dar o seu testemunho, como quem alimenta e encoraja a peregrinação dos demais irmãos, carmelitas ou não. E se entendermos que a grande maioria dos que assumem esta tarefa são leigos (sobretudo, são mulheres!), então é maravilhoso verificar que tantos pais e mães de família, depois do afã nos seus trabalhos e do cuidado das suas famílias, ainda dedicam tempo a pensar e a escrever sobre um assunto, procurando colocar luz e sentido na peregrinação espiritual de tantos! – Que Deus lhes pague e os abençoe, é o que eu digo sempre desde o meu coração!



O CENTRO DO CLAUSTRO

(Edições Carmelo)

PVP 10,00€



Autores vários

Comissão de Comunicação da Província dos Padres Carmelitas Descalços (Org.)

O objectivo do projecto *Claustro* é cruzar o saber da arte de cada autor e a sua experiência pessoal com a sua vivência espiritual enquanto membro desta grande família de Santa Teresa e de São João da Cruz. Não atingimos o zénite, acredito, mas estamos no bom caminho, pois se têm alcançado boas sínteses.

3. Que contributos o livro oferece para a vida cristã no quotidiano?

Obviamente, a *Claustro* não fala só para carmelitas descalços, leigos ou não. Falamos e propomo-nos para todos os católicos. Aliás, creio que alguns destes textos podem ser lidos e assumidos em contextos académicos e até de não crença. Não vejo isso como propósito, vejo-o como um *conseguinto* não programático

e, por isso, um fruto inesperado que resulta deste projecto se ter lançado e se ir mantendo.

Quando dialogo com alguns colaboradores – é só com alguns, mas eu poderia referi-lo de todos – por vezes digo-lhes que *não me importaria de ler um novo texto deles todas as semanas!* Claro que isto não pode ser pedido a ninguém, óbvio. Mas é para que fique claro a grandeza e a clareza dos contributos que a *Claustro* vai oferecendo. Porém, eu não poria tanto o acento nas respostas feitas, dadas e prontas a dissolver em água, para que encontremos ali, disponível, uma panaceia eficaz a cem por cento. Não, a *Claustro* não tem isso, mas tem questões, tem problemáticas inovadoras – sim, sobretudo tem interrogações e espantos.

... E MAIS UMA: De que forma os textos ajudam a compreender melhor a missão e a espiritualidade carmelita?

Eu creio que quem não se conhece, não está em ponto de rezar, de caminhar em direcção à união com Deus – que é isso que nós carmelitas mais ensinamos. Ora, se a Deus nunca O vimos a não ser através de véus, se Aquele que ansiamos conhecer, afinal não abarcamos nem conhecemos bem – o que se compreende, claro... – e se a isso ajuntarmos a ignorância quase total a nosso respeito, eu creio que está reunida uma efervescência explosiva ou, talvez, ao contrário, uma anemia espiritual que gera anões quando o que mais urge, são apóstolos ousados e ardentes testemunhas da Verdade.

Eu emparceiro com aqueles que denunciam (e sofrem) com a redução da realidade ao exterior, ao palpável, ao que um dia soçobrará. Creio que estamos em época de lançar nova empresa das Descobertas, sobretudo para redescobrir o continente da Interioridade, porque é lá que mais somos o que somos, e o que de nós Deus sonhou; é lá que somos aquilo que não passa, que é eterno! Eu temo muito que enquanto vivermos satisfeitos com uma vivência quase só epidérmica da fé e da espiritualidade, mesmo entre católicos, estamos a furtar às novas gerações, horizontes alargados e inovadores de esperançoso futuro.

E sim, a *Claustro* alerta para isso, pelo que só me arrependo de a não ter começado mais cedo!

«Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância»

Irmã Sofia da Cruz, Carmelo de Aveiro



Fotografia: pixabay.com

Querida Zé

Neste momento quero estar a teu lado para te abraçar e recordar as palavras da tua mãe: «Quando eu morrer tu não fiques triste, tu não chores.»

Ela tem razão, creio que Jesus a preparou para o encontro com Ele e ela sabia que partia para a vida em abundância, partia para a vida em plenitude, partia para a Festa. A Festa da Vida. Nesta hora da partida muitas são as recordações que assumem contornos de amor, de alegrias partilhadas, de tristezas e dores comungadas, de dificuldades que fizeram crescer parte a parte, de laços de pertença que apenas sente quem tem o outro no coração. Tu estiveste, estás e estarás sempre no seu coração e nada vos separará, porque o amor é mais forte que a morte. Tu fazes parte dela e ela faz parte de ti e será sempre assim por que em Deus nada acaba apenas se transforma e transforma-se sempre para melhor.

A morte é como que uma experiência de emigração. Quem parte emigra, aparentemente, para uma terra distante. Digo aparentemente porque para o coração não há distâncias. Agora passas a falar com ela pela oração, na dimensão espiritual e no segredo do coração ela vai-te responder, porque agora a única linguagem que ela entende e fala é a do espírito. Tu vais sentir como ela está perto de ti e de toda a família. A emigração está apenas na ausência da sua pessoa, que não é ausência da sua companhia e do seu amor. A sua presença amorosa e a sua companhia são sinais da terra prometida, o céu. Só estando lá podemos continuar a amar e ajudar aqueles que Ele nos deu. Agora de junto do Pai ela vai derramar sobre vós, a abundância da paz de Deus e uma alegria muito íntima e profunda, porque é o gozo de estar em Deus.

Dou graças a Deus contigo pelo dom a tua mãe, a querida Dona Natália. Pela mulher lutadora e empreendedora que ela foi. Pela sua grande confiança em Deus. Dou graças a Deus por a ter escolhido para ser a tua mãe, aquela pela qual tu recebeste a vida. Aquela de quem tu recebeste uma parte do teu ser, para além da educação e a formação. Certamente que foi com ela que despertaste para o bem, para a responsabilidade, para o ser família. Dou graças a Deus por todas as maravilhas que Ele realizou nela, na saúde e na doença, na juventude e na velhice, na alegria e na tristeza, no silêncio e na oração. Para Deus nada é impedimento para fazer uma pessoa feliz e estou certa de que toda a sua vida foi um caminho de buscar a verdadeira felicidade e que ela partiu feliz. Partiu feliz porque te vê feliz com o Luís e o António, porque te deixa feliz na sua companhia. Ela goza da felicidade de ver a Deus e tu da alegria de ter uma intercessora junto de Deus.

Dou graças a Deus pelo dom da maternidade da Dona Natália, pelo dom da vocação matrimonial e da entrega diária e constante que ela foi fazendo da sua vida a Deus. Vocês são o fruto desta entrega e certamente ela está muito orgulhosa de vocês.

Quanto mais vocês se aproximarem dela, na oração, mais ela se aproximará de vós, continuando a ser a vossa Mãe e a vossa Avó.

Querida Zé rezo contigo e acção de graças, porque Jesus cumpriu na Dona Natália a sua promessa. Ele disse: «Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância», pois bem, nela hoje mesmo se cumpriu esta promessa. Exultemos e cantemos de alegria porque o Senhor ressuscitou verdadeiramente e levou com Ele a Dona Natália, a tua querida Mãe, sentando-a ao seu lado no céu. Que de junto de Deus ela interceda por todos nós.

Rezo contigo e estou a teu lado.

LA CUEVA DE SAN JUAN DE LA † Companheiros a caminho do céu

Frei João Costa, OCD



Fotografia: FB

1. Parar. Contemplar. Caminhar.

Mora nos carmelitas um zelo de lento fogo feito e de veredas ágeis. Até ao fim do mundo, se necessário. Quando digo fogo, digo forno, proximidade ao calor de Deus que mais arde, mais aquece, alumia e queima se o corpo e o espírito mais se dão à calma.

Este jeito antigo é do profeta Elias que ora, no cimo do Carmelo, se aquecia ao lume da contemplação, ora, baixando, velozmente, à sua passagem, se incendiavam as margens dos caminhos.

Este jeito é tão antigo que tem para cima de vinte e cinco séculos. Credo, que digo? – Tem quase trinta! É eficaz e actual, mesmo em tempos de pressa, de velocidade e de vertigem loucas.

Parar para rezar, andar a apregoar e volver a parar e a serenar não é para fole furado, é uma via capaz, mais que bem testada e trilhada. Aliás, quando Jesus a preferiu não inventava nada. E quando São João da Cruz a usou, idem, aspas, aspas.

(Ninguém dá o que não tem; e até o que tem, sabe Deus... Ah, e desde o ângulo em que falo, o que importa mesmo é que dando, quem dá, dê Deus feito palavra de luz, palavra certa, palavra que guie, que instaure, restaure, que jamais rasteire. É disso que aqui falo.)

Há quase trinta séculos, no cimo do monte, à serena boca duma cova, Elias passava longas temporadas dedicadas ao silêncio, a escutar a brisa suave, ruminando a Palavra, cutucando com o ombro o ombro de Jahvé; e só depois de bem esmoída, só depois de a fazer capa sua e

de habitar dentro dela, se abalançava e se abandonava aos incansáveis caminhos, vertendo-a no coração ressequido do povo. E não foi isso, aliás, que depois Jesus fez nas suas longas jornadas de oração e de caminhada? Foi, sim. Idem para frei João da Cruz, que nada inventou, apenas seguiu.

2. São João da Cruz era homem de boa tempera. Não se assustava nem com a calma nem com o silêncio, nem com cobra nem com uivo de lobo rasgando a noite em duas, em quatro, em seis partes; aliás, amava-os, procurava-os; deleitava-se neles. Ensinava a amá-los, a abraçá-los, a comprazer-se, a sanar-se e a deliciar-se neles. Que sim, mais depressa puxava ele a capucha sobre calva e, de pés descalços, se cobria sob a sua capa branca, do que se contorcia ou se consumia em histerismos e lamentações inúteis e estéreis.

É homem dos caminhos. Dos cantinhos. Franzinos todos. Preferindo os dos arrieiros aos reais. Os precários aos muito seguros, brunidos e elaborados. Dum desnudo cantinho fazia um altar de eleição. Dum caminho, um claustro sereno. Eu gosto dessa ideia que na alma repetidamente ele nos inscreve como em branda cera; aliás, os seus confrades e companheiros de lide e de jorna, sabem-no apreciador do longo silêncio escaldado, sabem que jamais se assusta se tem de ficar no seu canto. Ou se diante duma empresa tem de arregaçar as mangas, ora pois. Jamais, porém, sófrego tropeçava no corre-corre. Oh, como ele gostava do remanso desalumiado duma *cueva* ou dumas horas, mesmo se mortiças, diante do Sacrário!

3. Amigo do seu cantinho ele era, mas não bicho do buraco. E que o mandassem a Lisboa ou ao México, a Los Mártires ou a Segóvia era igual. Ia. Vamos, por isso, com ele para o caminho, que sacrário viandante era!

4. Alguém em nossos dias deitou contas aos seus passos – quero crer, dos de apenas como Descalço, isto é, entre os primeiriços de Duruelo e os postreiriços de Úbeda. Ora se o critério for esse, as balizas vão de meados de 1568 ao outono de 1591; uns vinte e três anos mais que incompletos, portanto. Ora, pois, nesse período de pouco mais de vinte anos palmilhou ele 27.000km – ou seja: mais de mil por ano! (Qualquer coisa como ir e vir de Braga a Faro uma vez ao ano!)

É obra, pois não os fez de mota, de carro ou de avião, mas a pé e, quando muito, revezadamente, ao lombo de mula. São muitos quilómetros, muitos mesmo, até para homem apostólico! Mas frei João era um contemplativo que gostava da sua *cueva*, da sua cela, do sossego do seu cantinho. De passar ali longas temporadas na solidão, a sós com seu Deus só, para só depois se atirar ao caminho; logo, portanto, a sua obra viandante é naturalmente bem mais significativa do que estamos habituados a reconhecer!

Tanto caminho não o palmilhou ele só, pelo que se o título deste texto fala de companheiros, a isso iremos, e ainda, ao de leve, ao seu jeito santo de caminhar.

Entre os Descalços sempre esteve proibido viajar sozinho. Aliás, não inventávamos nós nada, pois já os Evangelhos deixam nota de que os apóstolos eram enviados pelo Senhor a pregar dois a dois. Assim, se um se assustava, o outro o serenava. Se um desanimava, o outro o alentava. Se um adoecia, o outro o socorria. Se um descarrilhava, o outro o punha em seus cabais.

Sim, frei João da Cruz viajava acompanhado, de preferência dum irmão; por vezes, dum sacerdote, e mais raramente dum sacerdote e dum irmão. Com dois irmãos também sucedia. Era, aliás, tão estimado pelos seus companheiros – ou seriam anjos? – que eles disputavam entre si o gozo de o acompanhar pelo alongar da lonjura e da dureza dos caminhos. Conhecemos alguns dos seus nomes, e sabemos que algum – não recordamos agora aqui, na ponta da caneta, o seu nome... – pediu e alcançou o singular privilégio de sempre mudar para o lugar e convento que, findo o triênio, frei João mudasse. E foi assim que o acompanhou por léguas e léguas infindas.

Haveria certamente outros, mas registemos os nomes dos seus principais companheiros que temos mais à mão, seus secretários pessoais ou não: Diego da Conceição,

Gabriel da Mãe de Deus, Pedro de Santa Maria, João Evangelista. Os mais queridos, porém, foram o irmão Jerónimo da Cruz e, sobretudo, o irmão Martinho da Assunção – talvez aquele que alcançou a dita de mudar de conventualidade sempre que o padre João da Cruz mudasse.

5. Alguns daqueles lanços de caminhada eram assaz longos – coisa para oitenta léguas ou mais! (Tenha-se em conta que uma légua rondaria os cinco quilómetros, talvez, até para mais!) Uma carreira dessas implicava caminhar bem para cima dum mês e até mais que dois – se é que nenhum dos dois caminheiros adoecia, ou não eclodia outra surpresa que os empalhasse.

Ora, e que faziam dois frades descalços e mendicantes durante um mês ou mais de caminho?

Bem, se o irmão Martinho tanto gostava de partilhar as longas e duríssimas viagens com o padre João da Cruz, de todo em todo, não era por inteira mortificação. Pelo contrário, era por bom gosto. Por puro desfrute e deleite. Enfim, eu creio que São João da Cruz era um homem temperado, agradável e sem receio de ser mimoso; paterno e carinhoso, digo. Não o pintem arisco ou urão que não o aceite. Nem danado, nem avinagrado, nem ácido. Nem bruto, nem brusco, nem chupa-limão. Austero, sim. Aprazível sempre, apesar das contrariedades, mesmo se uma urgência o obrigava a vadear um obstáculo por trinta léguas, mesmo se as vitualhas não passassem de miudezas e de côdeas duras que se houvessem de anediar na água fresca dalgum regato.

Certa vez, já quase noite, alcançaram três Descalços uma albergaria e não havia ali nada de comer ou beber; e por não existir, impossível procurar outra:

– *Bem, irmãos* – terá sussurrado o padre João – *visto que por aqui nada há que nos conforte, consolemo-nos com o amor de Deus, que de comer não nos há-de faltar!*

É verdade que *barriga vazia não tem alegria* nem dá bom repouso, mas vazios os três – o que não seria inédito! – lá se encaminharam para a porta de saída! Ao irmão e ao donado tocariam, como de costume, uma enxerga a cada qual. Ao padre, uma humilde esteira estendida no chão. Por manta, a capa do hábito.

Recebidas foram aquelas palavras do Santo Prior num tão breve entrementes que nenhum dos companheiros tempo teve para balbuciar: *Deus nos dê paciência e um carro para a levar*. Estavam, pois, postos nisto, quando, porta adentrou um cavalheiro que logo se apercebeu da penúria do lugar e da indigência dos três mendicantes, e lhes imperou:

Como admiro eu a serenidade daqueles pobres mendicantes a caminho, e a paz com que, hora a hora, sabem abrir-se à justiça da Providência! Sim, mas o que mais bem me cai é que os companheiros de São João da Cruz gostavam muito de caminhar com ele, mesmo se inapelavelmente o fim do dia vazio lhes mostrava o fundo da saca do pão!

– *Senhores, hoje, ceiam comigo! E não há cá renúncias!*

E os quatro jantaram a bem jantar, que de tudo vinha ele bem provido! Ah, e se o Santo jamais se lamentou, o irmão e o donado, esses, os dedos lamberam!

A cena passou-se e está relatada. O que, porém, nas entrelinhas melhor leio, é que nenhum dos mendicantes, em momento algum, rezingou. Sim, nem antes nem depois, jamais algum deu pela sua vida a andar para trás, por causa duma légua a mais ou duma malga de caldo a menos; e se jamais lamentaram as duras durezas que, circunstancialmente, a cada hora lhes cabiam, também não enjeitavam as branduras quando estas sucediam – ora pois, se naquela noite, de comer ou beber não havia, que mais fazer senão rezar o Salmo 30, o 129, o *Nunc Dimitis*, o *Sub tuum praesidium*, encomendar-se a São José, e ala que se faz tarde e amanhã outro dia será, que cada dia o seu cansaço traz?

Como admiro eu a serenidade daqueles pobres mendicantes a caminho, e a paz com que, hora a hora, sabem abrir-se à justiça da Providência! Sim, mas o que mais bem me cai é que os companheiros de São João da Cruz gostavam muito de caminhar com ele, mesmo se inapelavelmente o fim do dia vazio lhes mostrava o fundo da saca do pão!

Alguns biógrafos chamam-lhes companheiros – os que comem do mesmo pão; outros escudeiros – que protegem; outros, anjos – que guiam. Seriam tudo isso, e até sacristães e enfermeiros. E confessores, se eram sacerdotes. Tenho ainda, por isso, mais de duas estórias na taleiga.

6. Nas viagens longas eram acompanhados por asnilho que, ora montava um, ora outro, e no outro terço, descansava a alimária. Lembram, por conseguinte, que eram famosas as quedas de frei João da montada. Não deve-

riam ser muito desabridas, porque mansa é a mula ou não aceita albarda; mas elas sucediam, sobretudo quando ele se embrenhava na leitura da Bíblia – não te encantarás a ti, leitor, leitora, a imagem dum santo voando manso ao lombo de mula mansa, lendo e rezando a Sagrada Escritura? A mim, sim; e tenho por assente que a mula teria de ir a seu natural «*passo de mula*», isto é, dando conforto e firmeza, já que se fosse a trote, nem olho de águia haveria que acompanhasse a divina carreira das letras. Ora, pois, vê lá tu: ia o Santo a ler, quem sabe, aquele versículo do Cântico de Salomão que diz: «*Eu durmo, mas meu coração vela. Eis a voz do meu amado, que bate*». E era aquilo lido e sorvido com tal unção, com tal recolhimento, que até a mula entendia. E o Santo lia e a mula ouvia; e o Santo se recolhia e a mula meditava sem perder o pé; e em recolhendo-se profundamente o andarilho na *cueva* dum verso, como que escutando o chamamento do Amado, sem saber como, despegava-se ele da albardilha e, pumba!, estatelava-se no chão! Sucendo isso, nada burra, sustinha-se a mula, e o Santo, já mais que desperto, erguia-se rindo e, sacolejando-se, varejava o pó do hábito, para logo ver o afligido e prestimoso companheiro acercar-se para o ajudar; e enquanto um se saracoteia, o outro lhe aperta os ossos a ver se algum se quebrara como um chamiço! E não, não, desta vez mais, nenhum se quebrara. Felizmente.

Não julgues, leitor, leitora, que isto se passou uma vez apenas, mas várias e repetidas, visto que um mês ou dois de viagem de ida, e a mesma cifra para a volta, dão para muitos e deliciosos toques do Amado... E eram eles tão suficientemente frequentes que certo companheiro seu decidiu que, em tocando ao padre João a montar, caminharia ele nem adiante nem atrás, nem no seu mundo nem infirmando-se nas maravilhas da natureza, mas sempre, sempre, lado a lado de seu Prior, como fiel e atento escu-

**LA MÍSTICA:
PARAÍSO PERDIDO O
TIERRA DE PROMISIÓN**

**Juan de la Cruz
Santo y Doctor de la Iglesia**

**Congreso internacional
22 al 26 junio**

deiro, sempre assaz pronto a ampará-lo quando, desenculatrado da albarda, um *toque* houvesse de o tombar para um lado.

Ah, a isso chama-se escudeiro fiel, sim, e anjo, que companheiro também o era.

7. Sabedores fomos e em algum lugar já o deixamos escrito que os montes, os céus, os rios e os vales, e as searas, e mesmo um sino tocando ao longe encantavam e incendiavam o coração lírico e santo do Santo. Que jamais caminhava em esforço, mas em *laudem gloriae*, e em jubiloso júbilo. Que logo se desfraldava em cânticos e hinos a Nossa Senhora, trinando regalados salmos qual David com sua harpa. Que mesmo seguindo por caminhos de arrieiros – entendo que os mais duros e agrestes de ao tempo –, se dedicava também a cavaquear com seu companheiro, digo que dialogavam, como diria que ele os catequizava, lhes dava bons conselhos, ensinando-os a servir a Deus como Deus quer e ama ser servido e amado. Que lhes confienciava estórias da sua vida pessoal e familiar, da sua oração e comunicação com Deus. Ah, e certamente que cantarolavam juntos sem ferir a modéstia, que juntos ajoelhavam e também erguiam as mãos, abrindo os braços para o alto tal como as águias reais alongam as asas ao levantar voo. E que diziam, rezavam e cantavam juntos a Fonte, o Pastorinho, os Romances, o Cântico, a Chama, a Noite; quem disso tem dúvidas? E, claro, que à beira dum regato – quase como se num recreio – lhes explicava, com tempo e com calma, um a um, os versos que escrevera e outros que pensava escrever (e até talvez tenha escrito, mas não chegaram até nós).

8. Nem tudo, porém, foram andanças e melodias ternas. Algumas vezes existiram contrariedades sérias, lágrimas e até sangue.

Nalguma viagem o seu companheiro falou-lhe de certo palácio recém-inaugurado, cuja beleza arquitetónica anda nas bocas do mundo. E pronto lhe sugere que, como tantos, o visitem, até porque o desvio não excede a légua, légua e meia. Mas o Santo logo atalha: «*nós não andamos aqui para ver, mas para não ver*». E não viram.

A verdade é que aquelas viagens se não careciam de picaresca, também não lhes falhavam as dilações. Como se verá; ou porque frei João adoecia e, falho de forças e de alimento, demorava a recuperar, ou porque surpreendiam uma rixa, ou porque noutra lugar, o irmão Pedro, desembestado, se despenhou por um barranco abaixo. Iam três; o outro irmão, perante cena tão funambulária, escaqueirou-se a rir. Já o padre João, percebendo a coisa à beira da tragédia, retorque-lhe:

– *Cale-se, tonto, que a coisa é mesmo séria!*

E se era!; pelo que, temerosos e assustados, se aproximaram os dois. Desvelado e cuidadoso, logo o Santo socorre o sinistrado: aqui havia uma entorse, ali uns ossos desmanchados. Acolá umas feridas e rabunhadelas. Enfaixado o ferido, com suprema caridade e muito cuidado, alçam-no para a montada. E retomaram o caminho com tais cuidados, que o que se faria em bem menos se fez em muito mais. Achegados à estalagem prevista, recomenda o Padre ao doente que aguarde na montada, enquanto tudo ali aprontará para o bem receber e acomodar. Mas logo este responde que não, que não, pois se encontrava bem e mais que bem: – *E vossa Paternidade verá que me encontro tão bem que dum salto me encontro no chão!* E deu o salto e estava mesmo bom, pelo que a ceia melhor caiu aos três!

Noutra viagem, de surpresa e à má fila, o rugido de dois canzarrões rasgou o silêncio e a meditação dos Descalços. E logo os colossos se precipitam sobre ambos companheiros. Houvera por ali um pinheiro e logo verias o irmão no cocuruto da árvore. Mas como não havia, protegeu-se ele atrás do Padre. Este, parado, aguardou-os, sereno e firme. Acercam-se os dois mastins, com a lição bem estudada: – *O terreno é deles, por ali ninguém passa sem pagar!* O Santo, porém, jamais se intimida nem se mexe. Apenas lhes manda que se acalmem, se calem e se aproximem. E eles acalmam-se, calam-se e aproximam-se: cheiram-lhe as mãos, cheiram-lhe os pés descalços e, sossegados, quais bebés, deitam-se ali, como se o padre João fosse o seu dono. E ele lhes retribui a obediência e a mansidão com carícias e ternuras e, remansados, os envia de volta para a guarda do rebanho. Já os dois Descalços, livres e sãos, seguem em frente.



CURSO EXPERTO
EDITH STEIN

6 - 8 febrero

Antropología steiniana

Noutro dia, achega-se o Santo a certa hospedagem de certo lugar. Vem ele em cima da mula, o que lhe dá bem noção do cenário que tem diante. E que vê? Piores que mastins, dois homens bulham ferozmente à navalha. Um deles, aliás, sangra abundantemente, o que encoraja e acrescenta a ferocidade do oponente. Tudo indica, este aponta já o afiado gume ao coração do exaurido. Por isso, ou o padre João age depressa, ou pronto temos confissão, encomendação da alma e funeral. E ao não ver mais saída, deita ele mão da solução que lhe resta e rápido atira o seu chapéu para o meio dos dois, imprecando-lhes que, como bons cristãos, e em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo, parem a rixa. Apressado baixa da montada – recatado, o irmão Martinho fica segurando-a pela arreata – e à vista de todos os circunstantes, destemido, se aproxima de ambos contendores que, gelados e incréus, não param de se entreolhar. E tão pacífico e manso ele lhes fala que eles, mesmo se recidivos no duelo, abrem as mãos, deixam cair as navalhas, e caindo nos braços um do outro, beijam-se mutuamente os pés e ficam amigos!

E que ceia não foi a daquele dia, depois que o Santo curou aquela mão e, sobretudo, aqueles corações tão profundamente inimigos e rasgados.

9. Terminemos que tudo tem um fim.

No fim da vida, desprezado e perseguido por uma pandilha arrivista e malcriada, amado de coração por discípulos leigos e pelo fiel grupo de perseguidos, foi enviado para o México como missionário. Não chegou a partir que o corpo cedeu a 14 de dezembro de 1591, tinha ele apenas 49 anos. Doente e acamado em convento pobríssimo, pedem-lhe, pelo muito que vale, que se dê a cuidados e se cure. Escolherá partir para o convento do Carmo da cidade de Úbeda, onde as gentes o não conhecem, e o prior lhe é adverso. Ali acabará morrendo vítima também dos seus maus humores e ingratidões.

Mas o que aqui mais interessará é esta sua última viagem, a que faz para ali chegar. Foi demorada, cansativa. O enfermo vai cansado e há quatro dias que não come algo de proveito. Mesmo agasalhado e acomodado em

cima de cavalgadura capaz, as paragens são frequentes, demoradas – um desafio maior, mesmo para o pacientíssimo jovem criado que o acompanha. Quem, aliás, visse passar o pequeno cortejo diria que além do chão, até a montada se condói. A cada repetida pergunta sobre se alguma coisa lhe apetece, a resposta é sempre negativa. Não, nada.

la a tarde a mais de meio quando chegaram à ponte de Ariza, sobre o rio Guadalimar. Pede o enfermo, num discreto fio de voz, para descansar à sua sombra. E descansa, aproveitando a frescura das águas. E novamente perguntado sobre se lhe apeteceria comer, responde:

– «*Uns espargos, se os houvesse*».

Bem sabem, ele e o jovem criado, que os finais de setembro não são tempos de criar espargos. Mas logo o rapaz saltarica por aqui, saltarica por ali, corre acolá, ciranda por além e... e não é que encontra um molho de espargos trigueiros!

– *Ide e apanhai-os* – diz frei João, depois de o ter aconselhado a procurar o dono – e *sobre a pedra em que se encontram deixai quatro maravedis, para que o possível dono não seja roubado!*

Ah, São João, São João, São João da Cruz! Então, onde alguma vez vistes tu, onde já viu alguém, espargos em finais de setembro? E deixar quatro maravedis para que o dono não fosse roubado?!

O certo é que as moeditas lá ficaram sobre a mesma pedra em que foram encontrados. O certo é que, chegado a casa, o Santo conta o caso aos frades «*em tom de risota*». E certo é que, por não crerem, os frades os tomam nas mãos e veem nisso algo e até tudo de maravilhoso!

Cá por mim que nada sou, nada valho, mas às vezes entrevejo um lampejo, esse homem bendito, nosso pai, todo ele celestial e divino, esse peregrino de mil caminhos, que em vez de regalos apenas pediu para «*padecer e ser desprezado por causa de Vós, Senhor*», esse homem que além de padecimentos uma só vez desejou, e logo espargos, uns simples espargos – quem diria! – alcançou-os.

Como bem paga o nosso Deus a seus servos!

De vésperas com... Beato Eugénio Maria

3 de fevereiro de 2026



No dia 4 de fevereiro celebra-se a Memória do Beato Eugénio Maria do Menino Jesus, uma figura do Carmelo Teresiano que precisa de ser conhecido, pois a sua vida e obra são admiráveis. Sobretudo o tratado de vida espiritual *Quero Ver a Deus*, é de grande importância para todos os cristãos. Na véspera, da sua Memória, dia 3 de fevereiro, às 21h30, o P. Renato Pereira apresentará os principais traços da sua vida e obra. Ao longo do ano pastoral de 2025-2026 os Carmelitas têm programada atividade semelhante para as vésperas de cada um dos principais santos do Carmelo. [🔗](#)